

OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE**Podemos**

Não é de estranhar que, desde o início da crise financeira, o número de multimilionários tenha duplicado, muitos com recurso a técnicas artificiais de lucro

**João Pedro Martins**

Depois do colapso financeiro que teve o epicentro no Lehman Brothers, esperava-se que as entidades reguladoras se tornassem mais activas e que a ética bancária se pautasse pela transparência e o rigor.

No entanto, a realidade demonstra que as boas intenções não passaram de pura ficção. Ao mesmo tempo que assistimos ao escândalo do BPN (sem detidos e sem culpados e com muitos lesados), há um novo fenómeno na economia mundial que merece uma reflexão profunda e a adopção de políticas urgentes que permitam a regulação efectiva dos mercados financeiros.

Segundo o Financial Stability Board (FSB), uma entidade internacional que agrega diferentes organismos de supervisão e regulação do sector financeiro, em 2013, o valor dos activos transaccionados no sistema bancário paralelo passou de 5 para 75 milhões de milhões de dólares, o equivalente a 120% do PIB global.

Esta procura crescente dos investidores por activos alternativos e de

maior rendibilidade, cuja intermediação do crédito não está sob a tutela das entidades de supervisão e regulação bancária, constitui um indicador de que podemos estar sob a iminência de um novo risco sistémico na economia mundial.

Os países emergentes, com particular destaque para a China, evidenciam a tendência das preferências dos investidores pelo sistema bancário paralelo que oferece maior rendibilidade e permite a fácil ocultação e branqueamento de capitais, aliado a um pacote inovador de benefícios fiscais.

Não é de estranhar que, desde o início da crise financeira, o número de multimilionários tenha duplicado, muitas vezes com recurso a técnicas artificiais de lucro, que não passam pela produção de riqueza, mas pelo planeamento fiscal agressivo e pela ocultação de capitais e ligações promiscuas com o mundo do crime organizado.

Em contrapartida, assistimos a um aumento da desigualdade que empurra milhões de seres humanos para a armadilha da pobreza. O desequilíbrio na repartição da riqueza é absolutamente assustador. Na África subsariana existem 16 multimilionários que contrastam com 358 milhões de pessoas que vivem na pobreza extrema. As 85 pessoas mais ricas do mundo possuem tanta riqueza como 50% dos mais pobres do planeta.

Portugal é um dos 51 países que se

comprometeu a partilhar informações de natureza fiscal relativas aos proprietários de empresas, mas ao mesmo tempo mantém um sistema iníquo de bonificação fiscal sem qualquer regulação na Zona Franca da Madeira, que é reconhecida internacionalmente como um dos principais interpostos de manipulação dos preços de transferência e de lavagem de dinheiro por parte das máfias russas, italianas e andorrenhas.

Esta espiral de desigualdade fez que, em poucos meses, o movimento dos indignados se tornasse na principal força política em Espanha. Os que afirmam que “nós somos os 99%” podem continuar a subir nas sondagens e protagonizar um verdadeiro terramoto político à escala global.

Para os eleitores está provado que o bolor das velhas receitas políticas é incapaz de apresentar soluções para quem sofre as injustiças da pobreza e da desigualdade de oportunidades. São precisas novas ideias, novas políticas e novos protagonistas.

Não sabemos se o partido espanhol Podemos fará a diferença que todos esperam. Mas nós, os 99%, podemos fazer toda a diferença.

Escreve à sexta-feira

**SESSÕES CONTINUAS****LAURO ANTÓNIO***Em nome da tradição*

Não tenho o que se possa chamar uma esperança desmedida na condição humana. Acho que a selvajaria que nos habita não muda muito. Se deixámos de deitar panelas de azeite a ferver do cimo das ameias dos castelos sobre os assaltantes, passámos a lançar jactos de napalm sobre campos e aldeias. Mudou a tecnologia.

Mas se não se erradica a barbárie, pelo menos pode tentar-se atenuar-lhe os efeitos. Não tenho fotografias que o provem, mas na pré-história dizem que era “tradição” os machos arrastarem as fêmeas pelos cabelos para as levarem para as cavernas. Por vezes, surgia outro macho que as desviava da caverna à pedrada. A “tradição” neste caso mudou um pouco. Apesar da violência doméstica se manter.

Era “tradição” da igreja católica assar em fogueira os que a seus olhos eram hereges. Não me parece que o Papa Francisco tenha algo a ver com essa prática. Houve um salutar corte com a tradição. Ia-se a África arrebanhar negros para se venderem como escravos e não consta que presentemente nada se passe precisamente assim. Hoje é vista com maus olhos, por quase toda a Humanidade, a “tradição” instituída pelos nazis de gazear milhões de judeus antes de os enterrarem em valas comuns. Poderia continuar a enumerar variadíssimas “tradições” que terminaram os seus dias, para bem da Humanidade. Fiquemos por aqui.

É altura de questionar porque não terminam as odientas tradições estudantis designadas por praxes. Há dias, passando pela cidade universitária, um bando de caloiros pastava na relva, enquanto uns quantos de capa e batina velavam pelo rebanho. Não sei que mais estranhar, se os que impõem, se os que obedecem. Não haverá maneira menos idiota de recepcionar os caloiros? Parece que este ano se interrompeu a poética “tradição” de lançar carinhos de supermercado ao Mondego. Será que de futuro irão deixar de lançar caloiros às águas da praia do Meço?

Escreve à sexta-feira

As 85 pessoas mais ricas do mundo possuem tanta riqueza como 50% dos mais pobres do planeta

Na África Subsariana existem 116 multimilionários contra 358 milhões de pessoas em pobreza extrema

**Militantes do PODEMOS, o novo partido espanhol**